

UM INVESTIMENTO PARA O FUTURO

Elsa de Barros, in Revista Pais & Filhos

É verdade que educar dá trabalho, mas vale a pena educar hoje para ter descanso amanhã.

Sou uma pessoa honesta. Embora criativa respeito a verdade dos factos. Vejo bem, tanto ao longe quanto ao perto. Não costumo ter alucinações. Nem tão pouco delirar. Esta breve introdução foi só para que não ponha em causa os acontecimentos que vou relatar. Porque alguns deles, embora correspondam à mais pura verdade, são daqueles que só vistos. Porque contados custa a acreditar.

Aqui há uns tempos, enquanto almoçava num pronto a comer, observei uma situação deveras caricata. Uma mãe tinha resolvido ir ali dar de comer ao filho de dois anos, mas a altura do balcão conjugada com a falta de cadeiras não era de molde a facilitar-lhe a tarefa. Para ajuda, a dita criancinha era daquelas que demonstram o mais profundo desconhecimento da palavra obedecer. A história acabou com a bem intencionada mãe de gatas, de prato e colher em punho, centro comercial fora, tentando alimentar o seu rebento.

Mas não pense que esta história é única ou sequer original. De situações como esta está o mundo cheio. Noutro dia, lá na escola, uma mãe explicava que, lá em casa, quem mandava era a filha. O que é mais incrível é que a filha tinha pouco mais de um ano de idade e media menos de um metro de altura.

Estas crianças a quem os pais satisfazem todos os caprichos acabam por ter, mais tarde ou mais cedo, problemas com os professores, com os outros adultos e com os colegas.

O Luís, de sete anos, quando o professor o contrariou, não esteve com meias medidas e chamou-lhe um sonoro «Estúpido». Quando o professor lhe disse que não se chamava estúpido a ninguém, o Luís respondeu que costumava chamar estúpida, e pior ainda, à mãe. O Ricardo, de quatro anos, deu cabo da paciência do condutor de táxi porque passou o caminho todo a atirar com a lancheira para o vidro de trás do carro. A mãe até disse ao filho que ele parasse, mas fê-lo tão pouco convencida que ele, para não variar, fez ouvidos moucos. A Teresa, de nove anos, estava habituada a fazer na escola o que fazia em casa: punha e dispunha dos colegas a seu bel prazer. As amigas como é lógico, acabaram por perder a paciência para a sua prepotência.

Estas três crianças, pouco ou nada habituadas a ser contrariadas, foram confrontadas com pessoas que lhes demonstram que não estavam dispostas a aturar a sua falta de educação. As crianças a quem são feitas todas as vontades acabam por aprender, à sua custa, que a vida nem sempre decorre de acordo com os seus desejos. E poderiam tê-lo aprendido mais cedo, e sobretudo de uma forma mais suave e gradual, se os pais lhes tivessem ensinado.

Em busca dos limites perdidos. Os pais que não se impõem aos filhos, ao contrário do que possam pensar, não estão a ajudar as crianças em nada. Até o observador mais desatento deve reparar que as ditas crianças costumam passar metade do tempo a e espernear e outra metade a amuar, por motivos desconhecidos. Estas crianças parecem procurar desesperadamente aquilo que os pais são incapazes de lhes demonstrar: saber até onde podem ir. De birra em birra, ultrapassam limite após limite, sem que os pais as detenham. Mas, mais tarde ou mais cedo, vão acabar por aprender que a sua liberdade acaba onde começa a dos outros. O professor a quem o Luís chamou estúpido vai dizer-lhe que não adite tamanha falta de educação. O taxista a quem o Ricardo deu cabo da paciência vai avisá-lo que se não para com aquele disparate sai do táxi. E as colegas vão explicar à Teresa que se não altera o seu comportamento não tem amigas.

Mas os pais que satisfazem todos os caprichos dos filhos também não se estão a ajudar a si próprios em nada. Porque a sua vida, de roda de uma criança que não conhece a palavra «Não», deve ser uma autêntica estafadeira. E se dentro de uma família as crianças têm direitos, os pais também os têm. E é bom que os façam valer. Para bem de todos.

Invista no futuro. Educar dá trabalho. A vida não é fácil. Os pais levantam-se ainda não nasceu o dia. E chegam a casa já a noite caiu. É claro que não querem passar o pouco tempo que estão com os filhos a dizer-lhes que não podem comer bolachas antes do jantar ou que têm de arrumar o quarto. Às vezes os pais até gostariam de impor regras mas, ao fim do dia, falta-lhes a paciência para levar uma posição até ao fim com inflexibilidade. E as crianças apanham-lhes o ponto fraco e começam a fazer tudo o que lhes der na veneta. Os pais permitem, os filhos avançam e a vida torna-se uma canseira. Quando as crianças são pequenas parece-lhes mais fácil satisfazer-lhes um capricho do que aturar uma birra. Mas a fraqueza acaba por se pagar cara. Porque as crianças percebem que têm uma arma para obterem o que querem. E utilizam-na. Se os pais, pelo contrário, lhes ensinarem o significado da palavra «não», as crianças compreendem que não conseguem nada com as birras. E desistem de fazer ecoar os seus gritos pela casa.

É verdade, que ao princípio, custou dizer que não e ter que aguentar com as consequências. Mas depois acabou por valer a pena. É por isso que a educação é um investimento. De que se colhe frutos no futuro.”

Elsa de Barros, *in* Revista Pais & Filhos